

O embate entre razões epistêmicas e fatos sociais em torno das teorias científicas.

Benedito da Conceição Monteiro Neto

Doutorando em Filosofia na UFRJ (PPGLM)

<http://lattes.cnpq.br/3241460214292879>

beneditomonteironeto@hotmail.com

87

Os motivos que são levados em conta quando se trata da aceitação ou rejeição de determinada teoria científica foram, durante muito tempo, considerados por filósofos da ciência e epistemólogos como fundamentados em uma lógica intrínseca ao discurso científico, que se apresenta de forma independente do meio em que se encontra. Há, nesse sentido, uma questão cognitiva que é própria à ciência, que independe do contingenciamento do contexto, fazendo, assim, que o conhecedor acesse a teoria de forma direta. A esse movimento podemos chamar de tese internalista da ciência. No entanto, a sociologia cognitiva da ciência e/ou o Programa Forte, surgidos nos anos 60, fortaleceram teses relativistas, questionando a credibilidade das justificações presentes nas teorias científicas. Defensores dessas teses, como David Bloor e Bruno Latour, argumentam a favor de uma interpretação que afirma que a ciência, assim como o conteúdo de suas teorias, só pode ser compreendida e determinada por fatores externos/sociais (tese externalista), tais como aspectos psicossociais e político-econômicos. Com base nessa breve introdução aos argumentos internalistas e externalistas, nossa questão norteadora é a seguinte: afinal, as teorias científicas são determinadas por fatores externos ou se sustentam em um jogo lógico autônomo? Qual metaciência devemos adotar? A inserção nesse debate perpassa pelas propostas basilares já discutidas na filosofia da ciência, incluindo as noções de “Context of Discovery” e “Context of justification” de Hans Reichenbach (1954), a “Received View” de Frederick Suppe, a “Standard View” de Israel Scheffler, o “Strong Programme” de David Bloor (2001) e o paradigma de Thomas Kuhn, entre outros. Nossa intenção é demonstrar, com base em Larry Laudan (1978) e Mario Bunge (1992), os desafios epistêmicos do externalismo metacientífico, bem como essa interpretação é trabalhada atualmente.

Palavras-chave: Internalismo. Externalismo. Filosofia da Ciência. Sociologia do Conhecimento. Metaciência.

Bibliografia

BLOOR, David. *Knowledge and Social Imagery*. 2 ed. The University of Chicago Press: 2001.

BUNGE, Mario. A Critical Examination of the New Sociology of Science. Part 2. In: *Philosophy of the Social Sciences*. Vol. 22. n. 1, 1992.

KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções científicas*. 5 ed. Editora Perspectiva: São Paulo, 1998.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *Laboratory Life: The Social Construction of Scientific Facts*. Princeton: Princeton University Press, 1986.

LAUDAN, L. *Progress and its Problems. Towards a Theory of Scientific Growth*. Berkeley: University of California Press, 1978.

OLIVA, Alberto. *Racional ou social? A autonomia da razão científica questionada*. Editora PUCRS, Porto Alegre, 2005.

REICHENBACH, H. *The Rise of Scientific Philosophy*. Berkeley: University of California Press, 1954.

SCHEFFLER, Istarl. *Science and Subjectivity*. Nova Iorque: Bobbs-Merril Co, 1967.

SUPPE, Frederick. *The Structure of Scientific Theories*. University of Illinois Press, 1977.